

A SABBADÉ

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 20 de Julho de 1836

N. 24

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XXII

DE TUDO.

Disseram-me ha dias que á força de tornar-me jocoso daria em *palhaço* ! O cumprimento não é dos mais agradaveis, mas elle partio d'uma d'essas *cabeças phantasticas* que engendram pensamentos sublimes ! Não que o mister de *palhaço* seja uma bicha de sete cabeças, mas porque o vulgo vê unicamente n'elle um homem que faz rir os outros.

Os scepticos poderão convencer-se de que o *palhaço* é susceptivel de inspirar paixões ; indicolhes para isso uma folha diaria d'esta corte que narrou o facto do *risco para baixo*. E' uma celebridade musical apaixonada d'um *palhaço*, sem que a sua reputação europêa a possa impedir de penetrar nos bastidores do talvez *sale theatre*, e ahí entreter-se por algumas horas com o mortal feliz.

Como tenho muito de discreto não revelo o nome da celebridade ; o leitor curioso poderá advinhal-o lendo o folhetim do supradito jornal... Eis aqui por que não repelli o cumprimento ; os *palhaços* são feitos da mesma massa de que sahem os Barões, Condes e Ministros d'Estado.

Recebi a tua carta, M... Ha muito tempo que não tenho um momento d'expansão tão terna. Foi ella que o preparou.

Recordas tudo que póde arrancar-me á realidade do presente. Sou sempre o mesmo, M... amo-te como te amei na infancia, e não me cansarei em repetil-o. O teu nome é um talisman para mim. Paira-me de continuo nos labios, e a tua doce imagem reflecte n'elle. Vejo os teus

louros cabellos, a tua fronte de rainha e o teu olhar doce e irresistivel. Sorris-me sempre com aquella graça infinita que forma o melhor dos teus attractivos.

Fallas-me nas flores, nos campos, no canto dos passarinhos e no surgir d'aurora.

Fallas-me no nosso patrio rio, cujo murmurio doce e brande nos embalou por tanto tempo.

Recordas-me aquellas longas horas passadas em torno do lar, sem que uma idéa pungente nos viesse despertar dos nossos dourados sonhos.

Fallas em fim de tudo que póde minorar as saudades que conservo de ti, e de nossa infancia.

Perdoa-me por consagrar-te algumas linhas no meio d'uma *pagina* que te dá uma bem triste idéa de mim, mas é forçoso trazer o sorriso nos labios, para encobrir a dor que existe no coração. Adeus.

PENSAMENTOS AO VÔO DA PENNA.

A' excepção de minha mãe, todas as mulheres tem um capricho qualquer que degenera muitas vezes em vicio ou loucura, se me disserem que isto é absurdo e egoismo, responderei que *sou bom filho*.

— Se me casar pedirei a minha mulher que se lembre do seu tempo de solteira quando eu quizer. A razão ? Para que ella não deseje ficar viuva.

— Quando vejo uma mulher em pranto, corro a procurar o meu *guarda-chuva*. A razão ? Está no guarda e na chuva.

— Porque se dá frequentemente o nome de anjo á mulher ? Por que não ha anjos na terra, e ha cem poetas para uma mulher.

CURIOSIDADES.

— Adeus, amigo ; como vaes ?

— Bom, obrigado.

— A' que seculos te não vejo !

— E' verdade.

— Que tens feito ?

- Casei-me.
 — Quantos herdeiros tens já ?
 — Nenhum.
 — Porque suspiras ? estás desgostoso ?
 — Suspiro á idéa que poderia ter aturado
 minha mulher oito dias, e aturei-a seis longos
 mezes.
 — Então morreu ?
 — Fez-me esse obsequio.

- Menina, quer fazer a minha felicidade na
 terra ?
 — Como ?
 — Casando-se commigo.
 — E o que vem a ser isso ?
 — Que ingenuidade ! exclamou o pretendente
 despeitado.

- Foste hoje ao baile, Carolina ?
 — Fui
 — E então ?
 — Não me falles nisso !
 — Estás descontente ?
 — Como não heide estar, se não tive par...
 vos, completou um satyrico do lado.

- E' muito bella ! dizia um fatuo a uma
 menina.
 — Isso já o Sr. dizia hontem a minha irmã.
 — E então ?
 — Concluo d' aqui que o Sr. não achará ne-
 nhuma mulher feia.

A M. C.

Os meus cantos são singelos,
 Nada tem de melodia ;
 Tem a dor de ver-me ausente
 De tudo quanto queria.

São queixumes do proscripto
 Em terra estranha a penar ;
 São canções de saudade
 Pois que as faz sempre inspirar.

São anhelos sem ventura,
 São amarguras, são dor ;
 Nem são ternos quando a lyra
 Quer fallar em meu amor.

Felicidade passada
 Que não podes mais voltar ;
 Oh ! és tormento
 Do pensamento ;
 Que não possa em te perdendo
 Perder de te recordar.

BERTAUT, Traduzido.

Eis ahi uma *paginas intimas* que farão des-
 truir algumas apprehensões que por ventura os
 leitores tenham formado de mim. E' uma miscel-
 lanea. Aquelles que julgarem d'aqui deficiencia
 d'assumpto, estão enganados. Escrevo sempre
 que queira, affianço aos leitores que principio
 muitas vezes ao acaso, sem saber como deverei
 acabar. E' um segredo entre mim e a minha
 penna.

Rio, Julho 18 de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

CORAGEM.

Domingos, munido desta carta, queria procu-
 rar Luiza. Julgava poder convence-la de que
 o seu amor por Carlos era impossivel, e que
 se tornava necessario renunciar a elle. O bom
 preto, ignorando todos os precedentes d'esse
 amor, cria piamente que a joven faria o sacrificio
 da sua unica esperanza em favor de Mathilde.

Domingos sabia que a repugnancia de Luiza
 pelo brasileiro provinha de Carlos a quem amava,
 ora soffucando esse amor, e desposando Tristão,
 o mancebo estava livre e... o resto advinham-no
 os leitores. Era simples o projecto de Domingos,
 mas impossivel. Esta impossibilidade não existia
 no espirito do bom preto, por isso com uma
 confiança digna de um General que conta sahir
 vencedor antes d'entrar em lucta, encami-
 nhou-se para a casa do doutor Rego. Domingos
 entrou pelo jardim, e encontrou-se com Tristão.

— O que ha ? perguntou este.

— Quero fallar com a menina Luiza, respon-
 deu aquelle com um sangue frio maravilhoso.

— Da parte de meu sobrinho ?

— Não, o Sr. Carlos continua ausente.

— Que ha entre ti e Luiza ?

— Perdão... redarguiu Domingos um tanto impaciente, e ia proseguindo seu caminho.

— Onde vaes, tollo? a menina foi roubada!

— Roubada?! a menina Luiza, e por quem?

— Ignora-se... Carlos...

— Se houver algum branco capaz de dizer em minha presença que meu senhor moço praticou uma acção tão vil, talvez lhe falte ao respeito. Fica para outra vez o meu projecto, concluiu elle retirando-se.

Deu alguns passos, parou de novo, e disse para Tristão.

— Eu vou dar algumas voltas por ahi, a menina Mathilde esta só... ella tem inimigos, por isso peço-lhe que volte para casa; a sua presença assegural-a-ha.

— Sim, eu vou, respondeu Tristão dando um suspiro.

Domingos sahio pensativo.

A nova do rapto de Luiza surpreendera-o em extremo.

— Ah! exclamou elle parando, assaltado d'uma idéa subita, é elle não tem que duvidar!... E com a rapidez da onça que foge ao caçador, encaminhou-se para casa.

Domingos era o homem das idéas por excellencia; não contente com a primeira, e depois de ter percorrido uma distancia não mui pequena, disse; — Porém as ameaças d'aquelle malvado eram com a menina Mathilde... e olhava para o rio esperando sem duvida que elle o esclarecesse. Não... a primeira idéa é a melhor. E correu de novo.

Breve chegou á casa, abriu a porta da cocheira, entrou, e em alguns minutos sahia conduzindo um cavallo apparelhado.

— O que é isso? perguntou Mathilde que chegára á janella.

— Vou á Fulgosa, talvez que me demore mais tempo de que desejo; o Sr. Tristão vem já; nada receie porque estou por perto. E partio a galope.

A Fulgosa dista um quarto de legua da casa de Carlos; Domingos percorreu-a em dez minutos.

— Onde mora o Sr. Lourenço de Castro? perguntou elle á primeira pessoa que encontrou.

— No fim d'esta rua, á esquerda, uma casa de sobrado com grandes janellas na frente.

— Obrigado.

O preto tinha tal impaciencia em chegar que as pessoas que encontravam diziam espantadas:

— E' o diabo aquelle preto, vae visitar outro diabo.

Domingos parou á porta da casa que lhe tinham indicado, apeou-se e bateu.

— O Sr. Lourenço está em casa?

— Não, respondeu uma criada dando um grito de susto. E ia a fechar a porta.

— Espere, Sra., disse Domingos mettendo-se entre a porta e aquella.

A creada quiz fugir; alem de velha era feia; o preto atreveu-se a profanar os vestidos da donzellona o que deu causa a novo grito.

— A senhora nunca vio gente da minha cor? perguntou Domingos sorrindo-se.

— Vamos, diga o que quer e deixe-me.

— Procuo o Sr. Lourenço.

— Já lhe disse que não estava em casa.

— Onde posso encontral-o?

— Na quinta do *Barrilar*.

— Obrigado.

— Cruzes! exclamou a velha fechando a porta com estrondo.

Domingos montou, e como o fizera antes partio a galope.

Tinha de retroceder.

Felizmente que a distancia era diminuta; porém a Providencia parecia favorecel-o, em meio do caminho encontrou Lourenço.

— Até que por fim! exclamou o preto.

— A estrada era estreita, Domingos atravessou o cavallo, e impedio Lourenço de continuar.

— Que significa isto? perguntou este.

— Isto significa que tenho de fallar-lhe; apeemo-nos porque a cavallo...

— Passagem! bradou Lourenço tremulo de raiva.

— Qual! como hei-de dar-lhe passagem se quero n'este momento saber do que me interessa!

Aquelle não podendo mais conter-se metteu esporas no animal, e quiz passar.

Domingos deu uma volta ao cavallo, agarrou nas redeas do de Lourenço, e disse fulo de raiva tambem:

— Já lhe disse que não passa, se me obrigar a excessos a culpa é sua.

— E se eu te der um tiro, redarguiu aquelle com calma tirando uma pistola do bolso.

— Será igual o partido; tornou o preto tirando outra.

— Pois bem, apeemo-nos e conversemos.

— Ora até que me fiz comprehendêr, disse

o Domingos, apeando-se sem comtudo perder de vista Lourenço.

Continúa.

A Providencia.

(Continuação do n.º 22.)

Aos habitantes da zona torrida, que estão sempre sob a influencia d'um sol abrasador, dá-lhes uma tela fina para seu vestuario, que um verme lhes fia, e que a vagem d'uma arvore lhes ministra. Aos habitantes do polo arctico, banhados pelo Glacial, e confrangidos constantemente pelo frio intenso e desabrido d'um gelo, que nunca se desfaz, porque sempre se renova, dá-lhes quadrupedes que fornecem pelissas a esses homens do norte.

Todos os paizes, todas as latitudes, todos os seres animados, quer das zona temperada, quer da torrida ou da frigida, te elevam hymnos de louvor, e glorificam teu nome, ó divina Providencia! « *Il n'est aucune region sur notre globe, diz o sabio Sturm, qui ne se ressent de la grandeur et de la bonté du Très Haut. Il n'est point de contrée, si pauvre et si aride qu'on la suppose, ou la nature ne se montre assés genereuse pour fournir á ses habitants, de manière ou d'autre, le necessaire et même les agrements de la vie. Partout, ó Père bienfaisant, ou peut reconnaître les traces de votre sage bonté.* »

Finalmente o frio e o calor, aquelle, favorecendo a transpiração iusensivel, este, derramando sobre a superficie da terra seu influxo benefico, fazendo que os grãos germinem, e que a terra produza a herva; as flôres e os legumes de toda a especie: a chuva, irrigando o solo e impregando-a de sucos fertilisadores: o fogo, elemento tão eminentemente util e necessario, *instrumento de todas as artes e de todas as necessidades*: o sol, dardejando seus raios luminosos sobre o globo, vivificando a natureza, trazendo-nos a luz, a qual actuando sobre a cornea e o nervo optico produz os phenomenos maravilhos da visão, excita pelas vibrações deste nervo diversas sensações na alma, e percepções e idéas correspondentes ás impressões actuadas no cerebro, pelo mundo externo; a aurora, repintando-nos o quadro sublime do céu e da terra, que as sombras da noite haviam apagado, e fazendo-nos reviver os gosos e as delicias, que offerece o apparatus magnifico da terra, com suas montanhas coroadas de

pittorescas florestas, com seus prados tapessados d'herva, com seus platós enramados de vinhas, com suas veigas e jardins matizados de flôres, com os arroios espreguiçando-se em zigs-zags, e beijando docemente com sua lymphia, a raiz dos arbustos, o talo das plantas e o pedunculo das flôres: os astros que scintilam na immensidade do impireu, e que se reflectem na terra, já, indicando o caminho ao nauta e ao viajor terrestre, já, convertendo-se em oraculo de lavrador: os tres reinos da natureza, com suas potentes variedades, e innumeradas vantagens que delles aufferimos: o inverno, que a despeito de tornar a terra esteril e deserta, faz com que ella descance e a prepara para depois entregal-a ás caricias de sua leda irmã, a primavera que a decora com o verdor de suas folhas, com o matiz variegado de suas flôres, e com os gorgeios maviosos dos passarinhos: o estio e o outono continuando os trabalhos de suas duas irmãs, desenvolvendo e sazouando os fructos: as montanhas, fazendo rebenantar de suas entranhas graníticas os rios, os arroios e as fontes: o vento e as tempestades, anihilando a acção nefasta dos miasmas, e purificando o ambiente, o ar, esse elemento vital que respiramos: o mar e suas tão conhecidas vantagens: a forma do globo tão adaptada aos tres reinos naturaes, distribuindo com igualdade, em todas as latitudes o calor e o frio e o dia e a noite: os prados virentes, em que o innocente e feliz pegureiro apascenta os rebanhos: as florestas que nos prestam a materia de nesses edificios, a lenha com que nos aquecemos e cozinhamos, e o doce refrigerio d'uma fresca sombra, nos dias calmosos: os jardins encantando-nos a vista e embriagando-nos o olfato, com o grato perfume de suas flôres: os passaros, fazendo as delicias de nossos ouvidos com seus melodiosos concertos: tudo, finalmente que recahe sob o dominio de nossos sentidos ou de nossa razão, é unisono em demonstrar os disvelos da *Providencia* para com as creaturas, e tudo proclama a sabedoria do Ser Supremo.

Quando em dia de procella o mar se agita os escarceus s'elevam, o trovão ribomba, os relampagos fuzilam, e o raio rebenta das nuvens com seu sinistro clarão, quem é que depara ao naufrago miserando o fragmento d'amurada, em que se sustenha até que amaine a tempestade e lhe venha soccorro, quem é que lhe manda essa onda salvadora, que o rouba a uma morte horrivel, e atira na encosta? —

Quando Israel espinhado pelos Egypcios e escravizado pelos Pharaós erguia supplices mãos ao Eterno pedindo-lhe a liberdade que não fruíam e que tanto lhe sorria n'alma, quem foi que salvou das aguas esse menino predestinado, quem aos tristes Hebreos mandou esse braço poderoso, esse libertador denodado, que quebrou o jugo dos Pharaós e conduziu Israel á terra de promissão ?

Quando a casta Suzanna se viu nodoadada em sua honra, pela mais atroz das calumnias, que dous lubricos membros da sinagogá infamemente lhe imputaram ; no zenith da dôr, anciada, e inquieta se carpia miseranda, elevando os olhos para o céo, como quem invocava o testemunho de Deos em prol de sua honestidade, e implorava o termo daquella terrível provação, quem suscitou á mesquinha a voz prophetica de Daniel, que lhe salvou a vida, que lhe ia ser ceifada, e que reabilitou sua honra tão torpemente abocanhada pela infame maledicencia ?

Quando o pobre em seu tugurio tiritava de frio, não tendo para resistir-lhe senão miseres andrajos, sem lenha com que se aqueça, sem pão com que mate a fome, invocando a morte em seu auxilio, já que a vida lhe é tão madrasta, quem é que envia ao triste, esse anjo de caridade, que veste sua nudez, que acalenta seu corpo regelado, e sacia sua fome? — Quando Agar expulsa da casa de Abralião, se viu em um arido deserto, com suas provisões esgotadas, e seu filhinho a morrer por falta d'agua, convulsa, afflicta, arrancando-se os cabellos, chorando toda ella agonia, quem foi que lhe enviou esse anjo que fez calar a consolação em sua alma, e que fez rebentar do seio da terra a agua que chamou a vida o pequeno Ismael? — a Providencia !... Sim, a Providencia, cujos vestigios, e influencia a razão humana vê daguerreotypados em todos os objectos e em todas as creaturas, ora, tomando a fórma de Judith e salvando Bethulia, ora, a d'Helena e christianisando Constantino, ora a de Guilherme Tell, Gustavo Vasa, D. João IV e o principe d'Orange, quebrando as pesadas algemas, com que o ávido estrangeiro lhe roxeava os pulsos, e dando-lhe a mais preciosa das humanas prerogativas, a liberdade ! !...

Se não podemos perceber a compatibilidade da Providencia como liberdade, se ellas parecem entrechocar-se e repellir-se, será isto uma razão para regeital-a ? de certo que não ; pois que a acção da Providencia sendo tão sensível, e sendo

além disto authorisada pelo consenso commum dos povos, e a origem de sua noção não podendo provir nem do medo, nem da ignorancia, não póde deixar de ser uma realidade ; assim pois, se não percebemos certas relações, attribuímos esta ignorancia a imperfeição de nossa natureza e aos estreitos limites de nossa intelligencia, e creiamos com Dumas, que « Deos gosta de frustrar as combinações dos orgulhosos, com elementos que lhe são desconhecidos, e de que não podem prever a intervenção. » « *La nature nous offre a chaque pas, diz Mr. C., des merveilles qui nous confondent ; et quelques recherches, quelques decouvertes, que nous ayons fait, il reste toujours mille choses que nous ne saurions comprendre. Il suffit que l'utilité que nous en revient pas le bon usage que nous en taisons, nous convainque, qu'elles sont l'ouvrage d'un Etre infiniment sage et bienaisant.* »

Cabo Frio, 20 de Maio de 1855.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Incendio de Macau.

Macau é sem duvida a cidade mais pacifica d'Asia Oriental. Ordinariamente occupada com o commercio que a sustenta, não offerece nos estreitos limites do seu pequeno territorio nenhum objecto de distracção. Apenas ahi chega uma vez por mez o correio da Europa, que leva mais de mil noticias diversas de todos os paizes : nesse dia chega a curiosidade geral ao seu paroxismo pela novidade ; porém no dia seguinte cada um toma o seu estado habitual, e não pensam mais em cousa alguma que não seja no seu negocio.

Foram pois dias de movimento extraordinario e de emoções insolitas aquelles em que os habitantes de Macau proclamaram em grande pompa a elevação do Sr. D. Pedro 5.º ao Trono de Portugal. A festa começou em 26 de Dezembro de 1855 e durou tres dias consecutivos: logo na manhã do dia 26 as antigas fortalezas onde o celebre Camões servio como simples soldado, annunciaram o dia com numerosas salvas d'artilharia, ás quaes responderam os navios de guerra surtos no porto.

Pelo meio dia o governador acompanhado do corpo diplomatico e de todas as authoridades civis e militares, se dirigiram á casa da camara aonde o busto de D. Pedro estava collocado sobre um dozel, e aproximando-se da galeria principal que

dá para a grande praça do senado, elle proclamou por tres vezes o novo Soberano em presença de uma multidão immensa de povo, do qual a alegria se manifestou por diversas ovações entusiasticas.

Depois da proclamação official as autoridades se dirigiram para a cathedral onde o Bispo entoou um *Te-Deum* em honra do novo Monarchia. Notaram-se nesta cerimonia o conde de Courey e todos os representantes da legação Franceza, o contra Almirante Guerim, assim como os commandantes e officiaes das Fragatas Francezas *Virginia* e *Constantina* aos quaes o governador nha enviado cartas de convite.

A' noite, a illuminação mais brilhante que se tem visto em memoria de homem, dava á cidade um aspecto grandioso que fazia lembrar as festas da mãe patria.

Os proprios chinezes quizeram rivalisar com os portuguezes fazendo no seu estilo varios fogos d'artificio e armando diversas barracas illuminadas de differentes cores: é verdade que depois da suppressão do Mandarim de Macau os chinezes nascidos naquella cidade podem-se julgar como subditos de Sua Magestade Fidelissima.

Porém de todos os edificios publicos e particulares, o que se distinguio com mais luxo pela riqueza e bom gosto de suas decorações era a residencia do Barão de Cercal, consul geral do Brasil. Perto de 3,000 luzes estavam habilmente dispostas, segundo um elegante desenho que o filho do Barão tinha traçado, semelhante aos que tinha visto em Paris, d'onde tinha regressado de completar os seus estudos; só lhe faltavam vidros de cores para representar em menor escala as bellas illuminações dos Campos Elysios. Assim se continuaram até o dia 28 as salvas d'artilharia, concertos publicos, paradas, illuminações e bailes. Mas apenas o echo destas festas retinio uma calamidade inesperada veio subitamente espalhar por toda cidade o terror e afflicção.

Será bom lembrar aqui ao leitor, que sendo a cidade de Macau construida sobre uma lingua de terra, tendo menos de um killometro de largura; está quasi longitudinalmente dividida em duas partes, sendo uma habitada pelos portuguezes e outra pelos chinezes; a parte habitada pelos portuguezes, á qual dão o titulo de cidade Europêa, estende-se do lado do sul á margem de uma bella praia, do qual se vê o ancoradouro exterior, composta de casas edificadas de tijollos, de um ou mais andares, tendo um aspecto de riqueza e elegancia que se admira em todas as colonias inter-

tropicaes; a cidade Chinezá ao contrario fórma do lado do norte uma aglomeração de casebres desalinhadados, da qual os bicos estreitos e tortuosos vão rematar ao porto interior; as casas são pela maior parte construidas de madeira, baixas, escuras, encostadas umas as outras e por tanto mal arejadas. Ali, amontoam-se em alpendres escuros e humidos as provisões alimentares de toda as qualidades, não sómente a população de toda a cidade como tambem os navios e juncos (1) surtos no porto, aonde tambem se acham as madeiras de construcção, maçames, breus, combustivel e em geral todos os materiaes maritimos, sem contar as mercadorias em deposito que chegam constantemente do interior da China para serem exportadas. Foi no dia 4 de Janeiro a uma hora da tarde que o fogo se descobrio nas casas cobertas de folhas de palmeira, perto da antiga alfandega, para a extremidade do norte da cidade chinezá, porém como o vento soprava fortemente do nordeste, as chammás precipitaram-se com violencia sobre as casas visinhas, e em poucos momentos o incendio se ateou ao mesmo tempo em diversos pontos, dirigindo-se por numerosas faiscas para o interior do basar (2). As fortalezas portuguezas deram logo o signal d'alarma, e os bombeiros mecanistas no mesmo instante se prepararam para livrar das garras do gigante destructor a cidade chinezá que já se achava em lamentosas circumstancias, porém que poderiam elles fazer com duas ou tres bombas que datam de D. José 1.º tendo as rodas baixas como os antigos carros de bois, com mangas que não fazem vacuo, e com canos endurecidos que se não podem desenrolar; desta sorte ainda não era bem noite e já o incendio ateado pelas materias inflamaveis, encerradas em grande quantidade do bazar, se alongava a margem do mar até a praça central do Senado, ameaçando de distribuir não só a cidade chinezá, da qual a sorte estava fatalmente decidida, como tambem a cidade Europêa toda inteira.

Por mercê de Deos que as fragatas francezas *Virginia* e *Constantina* que se achavam fundeadas no ancoradouro, ao primeiro tiro de soccorro o contra-Almirante Guerim apressou-se a mandar a terra 250 homens munidos de todos os utensilios necessarios para afastar o progresso da chamma. O plano de operação estava traçado, a cidade Chinezá estava já considerada perdida, por isso

(1) Embarcações Chinezas.

(2) Mercado no Orienté.

era necessario tratar de salvar a Europa, e foi para este fim que foram dirigidos todos os esforços. As casas chinezas da praça e rua do Senado que podiam communicar o incendio para o sul, foram completamente demolidas antes que o fogo lhe tivesse chegado, e outras das quaes as chamas já lambiam o convento, e igreja de S. Domingos, foram cobertas d'agua pela acção das bombas sobre toda a linha central de separação entre as duas cidades, afastando desta sorte a invasão do elemento destructor. N'uma palavra o Macau Portuguez ficou em pé no entanto que o Chinez estava como um mar de fogo d'onde nada máis podia escapar.

(Continúa.)

POESIAS.

Tentativas Poeticas.

DE F. GONSALVES BRAGA.

XXII.

PORTUGAL.

AOS MEUS COMPATRIOTAS.

(Conclusão.)

Essé GERALDO, — SEM PAVOR — chamado,
Que Evora aos mouros com valor ganhou,
Ao Rei a entrega, e tem assim ganhado
A liberdade que a gosar ficou!

Entre estes todos lá se amostra ousado
FUAS ROUPINHA, d'immortal memoria;
Primeiro Luso que no mar irado
Dirigio lenhos, e ganhou — victoria!

Seu nome é grande p'ra que o mundo veja
Quem praticou sobre o profundo mar
Acção tão nobre, que o CAMÕES deseja
D'Homero a lyra p'ra o heroe cantar!

MARTIM DE FREITAS — O Alcaide — honrado
Do grão Castello que Coimbra exalta,
Vê-se dos mouros infieis cercado,
P'ra resistir-lhes seu valor não falta!

Ganha a victoria no castello annoso,
Vae a Toledo, e sobre a regia campá
Depõe as chaves: tal heroe famoso
Nos lusos fastos o seu nome estampa!

Esse ALBUQUERQUE de poder incrível
Que a fama diz: conquistador potente,
E' quem Camões denominou — TERRIVEL—
Cantando os feitos da famosa gente!

E o CASTRO-FORTE — de honradez modelo,
Victima illustre da fatal pobreza,
Das suas barbas empenhou cabelo
P'ra dar effeito á marcial empreza! —

Esse que o mar desconhecido affronta
Passando affeito o tormentorio, é — GAMA,
Que sobre as ondas para a India aponta,
Promette á patria dar augmento e fama.

Por fim na terra desejada aprôa,
E o Oriente ao poder luso chama:
De DOM MANOEL enriquecendo a c'róa,
De — VENTUROSO — lhe dá nome, e fama!

Depois — PEDRO ALVARES CABRAL, navega
P'ras longas terras que conquista o GAMA,
Descobre quando na Guyanna chega
O vasto Imperio, que — Brasil — se chama!

Esse que as filhas d'Albion deffende
Com doze bravos que ajuntou p'ra isso,
Porque o Britano desleal offende
As fracas damas; quem será? — MAGRICO!

Trava-se a luta furiosa, horrivel,
Começam damas a nutrir esp'ranças;
Foram cumpridas: — o heroe temível
Deixa prostradas as imigas lanças! —

Esse, que aos rogos da vaidosa Hespanha
Acode, e esmaga o sarraceno arnez,
AFFONSO QUARTO, no Sallado, banha
Em agoa, e sangue a mauritana tez!

Aos bellos elmos, e luzentes armas
Succede o sangue, a mortandade, a dôr!
Vaidosa Hespanha! Teu poder desarmas,
Que ao luso impleras protecção, favor!

Fogem os Mouros: — por finaes heranças
Deixam no campo, de uma vez rendido,
Bandeiras rôtas, e quebradas lanças,
Seus bravos mortos, seu valor perdido!

DOM PEDRO, o filho d'esse Rei austero,
Affonso quarto, que condemna IGNEZ;
Aos seus algozes castigou severo,
E, morta a esposa, indá Rainha a fez!

AFFONSO QUINTO — deixa a lusa terra,
Dos bravos mares affrontando as vagas,
E dá-lhe o nome de — Africano — a gueirra
Que foi levar ás Africanas plagas!

Hespanha: — um facto do valor dos lusos
Inda ha na historia das desgraças tuas: —
ALJUBARROTA, que já vio, confusos
Fugir teus filhos, ante as armas suas!

Então a Lysia registou na historia,
Dos grandes nomes para um reino inteiro,
Aos quaes se deve tão real victoria: —
DOM NUNO ALVARES, — DOM JOÃO PRIMEIRO.

Esse Rei joven — SEBASTIÃO — que a gente
D'Africa adusta castigar pretende,
Deixa seu Reino, porque é mui valente,
E a lusa gente té ao longe estende !

Victima illustre do seu genio altivo,
Que só á gloria devotava a vida,
Era inda joven : — não quiz ser captivo,
E a liberdade lá ficou perdida !

Lá morre : e o sceptro que regem dous mundos
Partio-se, e a c'roa vacilou, cahio,
Pendeu-lhe a fronte nos areaes immundos :
Do Reino a gloria nunca mais surgio !

Que surja agora, magestosa, altiva,
Seja de novo — occidental gigante, —
Mostre, que o somno não é morte : — activa
Abale o-mundo, por qu'iuda é possante.

D'Heroes que teve tão leaes, e tantos,
Hoje o que resta ? Funeraes padrões : —
Somente um vate nos divinos cantos,
A vida a todos restitue : — CAMÕES. —

VARIÉDADE.

Impressões de viagem.

UM PASSEIO A' RUA DO OUVIDOR.

Para fugir d'atroz melancolia,
Que a estragada cabeça m'atropella.

Peguei no chapéo e safei-me logo que acabei
de cumprir bem ou mal minhas obrigações. Fui
á rua do Ouvidor.

Bem differente desse Mr. Alexandre Dumas,
que diz cobras e lagartos de cousas que nunca
vio, vou contar-vos o que é a rua do Ouvidor,
certo de vos impressionar com o *extracto* de mi-
nhas impressões, e não com as bellezas d'estylo
do celebre romancista.

A rua do Ouvidor é a paragem, onde todos vão
tomar vento para seguirem seus destinos.

A rua do Ouvidor é um bello pretexto para a
ingenua donzella e a prudente matrona, que, a
título de passearem, só por esparecer, vão levan-
do o pobre chefe de familia de vidraça em vidra-
ça, *c'est á dire*, de Herodes para Pilatos, fazen-
do-lhe notar esta tetéa, aquella bugiganga, de-
pois dizendo que fulana tem um ninharia daquel-
las, depois acrescentando que não são menos que
a dita fulana, depois que o marido da fulana é a
flôr e nata dos maridos, depois atrevendo-se
a dizer que querem o tal *bonito*; finalmente, para
encurtar razões, ou o *velho* compra, paga e vai
bufando, ou não compra e ficam amuados.

E' a rua do Ouvidor o paraíso das recém-casa-
das e das proximas futuras noivas, o purgatorio

dos homens com dinheiro e o seu calvario, onde
não são *crucificados*, mas *sem cruces nem cunhos*
ficados, e o inferno dos homens sem dinheiro.

E' a rua do Ouvidor o palco, onde se repre-
sentam os melhores lances da comedia humana,
que termina ante os altares, nos colhões d'um
hospital, ou grades a dentro de uma casa de ora-
tes : haja vista aos cavalheiros que passeiam de
lenço na boca, dos que em certas esquinas estão
de alcatéa, e aos que, encostados em lugares
certos, dão tratos ao miolo, *destilando espirito*.

E' a rua do Ouvidor um museu em que não
faltam ursos, macacos, caranguejos, lagostas, &c.

E' um laboratorio d'alchimia, onde as bellezas
decahidas, entregues nas mãos dos Cagliostros
modernos, acham os dentes, cabellos perdidos,
côres e outras cousas mais que todos sabem.

E' a rua do Ouvidor uma praça de parada,
onde vemos desfilar os atralhado roceiros, acom-
panhados das embasbacadas consortes, das mal
geitosas filhas, e de seus pagens, verdadeiros oran-
go-tangos, trajando librés de variegadas côres, o
caxeiro que se pavoneia orgulhoso, ensacado no
seu paletot, caban, albørnaz, ou o quer que seja,
elle que ha pouco pedira humildemente ao patrão
licença, que desdenhosamente lhe foi concedida,
e os que diante das *Sphinges* andam a decifrar
enigmas.

Ali é escola de politica, telegraphia, mimica,
pantomima.

Ali é phil'harmonica, phincipalmente de rea-
lejos.

Ali se mostram as maiores virtudes e os maio-
res vicios, desde a honesta costureira que susten-
ta a mãi enferma e os famintos irmãosinhos, até
a indolente posta de carne com um par de bigo-
des, que deixa a mulher, *soi disant*, o cuidado
de entreter ou aviar a freguezia.

A rua do Ouvidor seria um pedaço de Paris
(aqui estou eu no caso do citado atraz Mr. Du-
mas) se não fosse o Cacique lembrar-nos que pi-
samos a terra que já foi sua.

Ali é um mar, onde as bellas peccadoras —
boas pescadoras — arrastando suas rendas, — ar-
rastando suas redes, podem pescar os peixes
parvos.

Finalmente o que a rua do Ouvidor tem de
peior é fazer despertar tal alluvião de disparates
a um

VIAJANTE.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.